

# GÊNERO PARA COMUNICAR, GÊNERO PARA APRENDER: QUESTIONANDO A DIMENSÃO INTERLOCUTIVA NO VESTIBULAR

Danielle Bezerra de PAULA<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Orientadora: Dra. Ma. da Penha Casado Alves<sup>2</sup>

*O discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que seja isolado e feito próprio.*

(BAKHTIN)

RESUMO: Objetivamos, neste artigo, discorrer sobre o processo interlocutivo nas produções textuais de vestibulandos, considerando-se a influência do contexto avaliativo do PSV, uma vez que, no âmbito da Linguística Aplicada, reconhecemos a imprescindibilidade de manter a tessitura do objeto às suas raízes (SIGNORINI, 1998). As práticas discursivas que focalizamos são, pois, situadas a fim de que possamos entender os recursos lexicais mobilizados pelos enunciadores, conforme orientação do Círculo de Bakhtin referente ao método sociológico de análise (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Recorremos, assim, às concepções integradas e norteadoras para os estudos da linguagem de gênero discursivo, escrita dialógica e movimentos responsivos (BAKHTIN, 2003, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: Interlocução. Gênero discursivo. Dialogismo. Responsividade.

## 1 Introdução – *por uma articulação responsiva entre arte, vida e ciência*

O herói de *Memórias do Subterrâneo*, conto de Dostoiévski (1995, p.688), ajuda – pelas suas (supostas) lembranças – a traçar vários aspectos que subjazem o processo de escrita. Destaquemos, aqui, a presença de um interlocutor, seja ele real ou virtual:

Eu escrevo só para mim e declaro de uma vez para sempre que, se escrevo como se tivesse leitores na minha frente, o faço apenas porque assim escrevo com mais à-vontade. Tudo isso é apenas uma maneira de me exprimir e nada mais. Quanto aos leitores, nunca os terei, já o disse.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada pelo PPgEL/UFRN e bolsista CAPES/REUNI.

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de Letras e professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

Há, todavia, nesse conto uma postura ingênua do áspero e nostálgico narrador-personagem que merece a devida atenção. Ele diz tratar-se de um monólogo, mas mente e desmente, é vilão e vítima, ele se mostra e se oculta – contorna um percurso de vaidade e ressentimentos que, por vezes, parece justificar-se e, por outras, nada esclarecer. Ao escrever, o nosso *protagonista-sem-nome* demonstra considerar um outro, um possível leitor; embora advirta não ter interesse em que o leiam. Pelo contrário, ele afirma ser apenas uma maneira de falar, porque de tal modo é mais fácil organizar suas saudades. Pelo jogo que faz com a linguagem, esse *homem do subterrâneo* nos aponta uma peculiaridade constitutiva do dizer, a ação interlocutiva, aludindo a palavras que pressupõem, pelo menos, duas consciências não-coincidentes, como interação, diálogo, encontro, mediação; signos que remetem à atividade intersubjetiva.

Admitindo, porém, o caráter ficcional dessa narrativa, somos convidados a pensar, como assim fez o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2003), em uma integração necessária e responsiva entre ciência, arte e vida; em uma tripla articulação por meio da qual o ser atinge sua unicidade, porque “Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivido e compreendido não permaneçam inativos” (BAKHTIN, 2003, pp. XXXIII-XXXIV). Na tentativa, pois, de compreender o mundo no qual realizamos nossas práticas sociais, aceitamos o desafio de, ao pesquisar, fazer a travessia – mesmo que nos limitemos somente às margens – pelos fluidos enredos que nos revelam ainda mais sobre nós mesmos.

*Memórias do subterrâneo* (des)vela, assim, um ponto que serve para problematizar as práticas de nossa realidade factual: a interlocução, em sentido *lato* e *stricto sensu*, inerente à produção verbal. Tal aspecto nos faz questionar porque o processo interlocutivo, sobretudo na escrita, ainda não é contemplado nas aulas de língua materna, apesar de ser indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Nesse documento, três noções fundamentais para a produção de textos são mencionadas, quais sejam: “o que dizer”, “como dizer” e “a quem dizer”. Os PCN acrescentam depois que “a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva, e não a produção de textos para serem objetos de correção” (*ibid.*, p. 19).

Mas, quando essas três dimensões são contempladas, o interlocutor empírico dos gêneros discursivos estudados na escola acaba sendo ela própria (ou está circunscrito em seus limites), uma vez que destituídos de sua função social, os gêneros passam de

*formas típicas de enunciados* a objetos de ensino (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004), porque o “que é visado é o domínio, o mais perfeito possível, do gênero correspondente à prática de linguagem para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências com as quais ele é confrontado” (*ibid.*, p. 79).

Isso ocorre como resultado das situações artificiais que são criadas nos e para os limites institucionais. Britto (2006) responsabiliza a rigidez das relações desses ambientes e afirma que “O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação” (*ibid.*, p. 120). Essa orientação opõe-se, sobremaneira, à efetiva razão da produção de textos, a saber: um exercício orientado para um outro que não é um simples destinatário, mas – e principalmente – um outro que exerce influência sobre o dizer, um outro constitutivo do “eu”.

## **2 Situando a problemática**

Os textos produzidos em situação de vestibular contêm uma infinidade de fenômenos da linguagem a serem investigados. Como reflexo disso, têm sido alvo de análises cujos interesses são, por exemplo: fatores de coerência, elementos coesivos, questões semântico-cognitivas, modalizadores, relações linguístico-discursivas, tipos de argumentos, construção de paráfrases e de recursos elípticos (ANDRADE, 2008; RAMOS, 2006; OLIVEIRA, 2004; NÓBREGA, 2007; ARAÚJO, 2006; LUNA, 2004; COSTA VAL, 2006). Entretanto, o processo de interlocução ainda não tem constituído foco de estudos, apesar de ser um dos recursos de argumentação e de relações intersubjetivas, especialmente na carta argumentativa – gênero discursivo bastante solicitado pelas propostas de redação de exames seletivos (UNICAMP, UFPR, UFPB, UFRN são alguns dos mais conhecidos). Restringimo-nos, neste artigo, ao Processo Seletivo Vestibular da UFRN (doravante PSV).

Elegemos, assim, a prova referente ao PSV-2008 que requeria a produção de uma carta argumentativa para o destinatário de cuja opinião o candidato discordava. De acordo com o comando da questão, o enunciador deveria convencer seu leitor de que estava parcial ou totalmente equivocado. Isso significa afirmar que o vestibulando iria desenvolver seu texto sobre a base interlocutiva, isto é, a cena enunciativa elaborada pela comissão avaliadora “propõe a ele [ao vestibulando] um leitor instituído, o

destinatário, com sua tese sobre determinado problema, seus argumentos e, além disso, permite fazer inferências sobre seu estrato social” (THEREZO, 2008, p. 130).

Tendo em vista, portanto, a problemática que envolve a dimensão interlocutiva, apresentamos, a seguir, a questão de pesquisa e o objetivo que orientam esta investigação.

### 2.1 Questão de pesquisa:

- Sabendo que a carta argumentativa é um gênero discursivo cuja finalidade é convencer o outro de um determinado ponto de vista, indagamos: será que o candidato (enunciador, produtor da carta argumentativa) considera, no processo de escrita, a existência do interlocutor sugerido pelo enunciado da prova, ou será que o candidato se distancia do comando?

### 2.2 Objetivo:

- Analisar o processo de interlocução nas produções textuais de vestibulandos, observando se o candidato considera a existência do interlocutor implicado no enunciado da prova, uma vez que a carta tem por objetivo convencer o outro de um determinado posicionamento.

## 3 Das *minhas-alheias-palavras*: os subsídios teóricos da LA e do Círculo de Bakhtin

Os pressupostos da Linguística Aplicada e a perspectiva teórica do Círculo<sup>1</sup> de Bakhtin nos oferecem subsídios para discorrer sobre o nosso objeto de estudo, uma vez que compõe o foco dessas abordagens a linguagem em uso, em sua complexidade e em sua heterogeneidade.

A Linguística Aplicada a que estamos nos referindo pode ser compreendida como uma articulação dialógica entre teorias e/ou entre diferentes campos de conhecimento capaz de criar inteligibilidades para os problemas – a *privação social sofrida* – em que a linguagem ocupe papel central, além de promover uma

---

<sup>1</sup> Grupo de intelectuais russos que se reuniam, conforme Brait e Campos (2009), do final do século XIX ao início do século XX, para discutir questões relacionadas à filosofia, lingüística, literatura e demais assuntos de interesse na época. Referimo-nos, neste artigo, especificamente aos nomes dos pensadores Mikhail Bakhtin e Valentin Voloshinov.

transdisciplinaridade ou uma *leveza de pensamento* que possam ser responsivas à vida (ROJO, 2006; MOITA LOPES, 2006, 2009; BAKHTIN, 2003). Dizendo de outro modo,

A LA tem buscado cada vez mais a referência de uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específica, numa tentativa justamente de seguir essas redes, de não arrancar o objetivo da tessitura de suas raízes. Daí a especificidade do objetivo de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos –, objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro (SIGNORINI, 1998, p. 101).

Para essa vertente, o imprevisível e o novo devem ser resgatados para a construção dos sentidos, porque são constitutivos das práticas reais de linguagem. Entretanto, quando apagados esses fatores, corre-se o risco de perder de vista as “tramas”, as “redes”, os “fios” que tecem o mundo dos sujeitos e que dão sentido ao elemento híbrido/mestiço/movente/nômade que é a linguagem – pelos seus atravessamentos sociais, políticos, históricos, ideológicos dada a sua natureza mediadora das práticas sociais e construtora de realidades (SIGNORINI, 1998; MOITA LOPES, 2006, 2009). Decorre da complexidade das práticas discursivas, a impossibilidade, de acordo com essa perspectiva da Linguística Aplicada, de se arrancar o objeto da tessitura de suas raízes ou de reduzi-las a relações semântico-objetais (SIGNORINI, 1998; BAKHTIN, 2008).

Ancorada em uma lógica das multiplicidades, essa orientação da LA contribui “para a não reprodução, no âmbito específico da disciplina, de uma certa ordem institucionalizada de posições, crenças e valores hierarquizados” (SIGNORINI, 1998, p. 108). A atual “ordem” de produzir conhecimento está, assim, em consonância com a ordem da não-reprodução de valores, uma vez que a área da Linguística Aplicada segue um paradigma (talvez o mais apropriado seja a referência no plural: “paradigmas”) das Ciências Humanas bastante *mestiço* e *nômade*, segundo Moita Lopes (2006, 2009). Isto é, a sua configuração resulta de em uma diversidade de metodologias, de teorias, e pressupõe, conseqüentemente, percursos transdisciplinaridades – uma interação entre áreas de conhecimento (CELANI, 1998). Devemos, ainda, admitir que as configurações teórico-metodológicas esboçadas em determinada pesquisa “são articuladas a partir de um ponto de vista e de uma apreciação valorativa únicos sobre o objeto de investigação,

em relação ao qual as configurações dos saberes ou teorias de referência constituem como que um excedente de visão” (ROJO, 2005, p. 74).

A assunção dessa especificidade propicia ao pesquisador e ao pesquisado a possibilidade de ver como os saberes são construídos por uma posição valorativa, embora se tenha desenvolvido uma consciência de não-questionamento, como tudo que fosse produzido no ambiente acadêmico fosse a verdade absoluta (MOYSÉS, GERALDI, COLLARES, 2002) e não uma das refrações possíveis do mundo da vida, visto que olhamos/avaliamos de uma posição exotópica – que é singular. Contrários a uma concepção de construção de saberes que se coloca transparente e independente do contexto sócio-histórico onde fora produzido, alguns linguistas aplicados da contemporaneidade vêm defendendo que

uma produção de conhecimento que queira ser resposta, que queira ser responsiva, deve revelar um conhecimento construído de modo dialógico pois acontece sempre baseado na interação entre visões de mundo, entre saberes valorados, entre indivíduos que produzem textos nos quais se expressam as consciências tanto do analisado quanto do analista, tanto daquele que é tomado como objeto de estudo quanto daquele que teoriza e compreende o objeto (ARCHANJO, 2008, p. 155).

Seguindo essa orientação, percebemos a necessidade de uma postura crítica do pesquisador ante o objeto de estudo e a produção de conhecimento, reconhecendo que a construção de saberes somente são validadas em referência a um regime de verdade. Tal postura é condizente com uma área de estudos auto-reflexiva – por estar em permanente questionamento e constituição – e com uma área que concebe cada nova análise uma redescritção da vida social, uma vez que o modo de entender o mundo depende do lado da fronteira em que o analista está localizado; e isso ocorre porque toda atividade humana mediada pela linguagem é, por conseguinte, mediada por interesses, desejo, poder, axiologias (SIGNORINI, 1998; MOITA LOPES, 2006, 2009; BAKHTIN, 2003).

Bakhtin e o Círculo, nesse mesmo sentido, tomaram a linguagem por objeto de investigação, observando sua natureza sócio-dialógica e as posições de sujeito reveladas na/pela *criação verbal*. Ademais, os pressupostos bakhtinianos apresentam sincronia com o que Moita Lopes (2006) afirma ser fundamental ao fazer Linguística Aplicada, a imprescindibilidade de fazer a pesquisa ser responsiva à vida social, para que a pesquisa não se encerre em um teoreticismo (BAKHTIN, 2003, s/d).

Bakhtin/Volochinov (2006), para proporem sua visão dialógica da linguagem, reportam às concepções de língua orientadas pelas duas correntes de pensamento dominantes no século XIX e no início do século XX. A primeira, por eles denominada *objetivismo abstrato*, reduzia a língua à estrutura e excluía de sua constituição o sujeito; e a segunda, sob a atribuição de *subjetivismo individualista*, estava fundada na idéia de que a língua é exclusivamente interior ao sujeito e que o uso do sistema resulta da expressão do pensamento.

Avessos às noções unilaterais e abstracionistas, os pensadores do Círculo acreditavam na interação cognição-sociedade, na relação exterior-interior, pois, para eles, é assim que o sujeito se constitui e constitui a linguagem. O sujeito é, portanto, (re)construído nas interações, nas trocas cotidianas com o outro, nos limites da fronteira, na relação eu-outro; e a linguagem resultado de um trabalho, uma atividade realizada por, no mínimo, duas consciências, dois sujeitos historicamente situados; um acontecimento que se dá entre o estável e o instável, uma sistematização sempre em aberto e que se preenche de valor ideológico, ou, para usar uma terminologia mais bakhtiniana, axiológico (FARACO, 2005, 2009; ABAURRE, 2005; GERALDI, 2005; BAKHTIN, 2003, 2008; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006).

A “teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin permite considerar a observação numa perspectiva discursiva, dialógica e polifônica, compreendendo que o campo nos confronta com eventos de linguagem marcados pela interlocução” (FREITAS, 2007, p. 34). Assim, temos nos orientado pelos contextos específicos, considerando, para tal, que os construtos são produtos sócio-históricos, são construções axiológicas, valorativas. Não existe, dessa forma, enunciado não-ideológico. A relação “eu-mundo” é mediada por signos,

Nós nos relacionamos com um real enformado em matéria significativa, isto é, o mundo só adquire sentido para nós, seres humanos, quando semiotizado. E mais: como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores (FARACO, 2009, p. 49).

Para compreender como os sentidos são atravessados por valores ou, no nosso caso, como a relação interlocutiva se estabelece no contexto específico do PSV-2008, valemo-nos das categorias de análise: gêneros discursivos, escrita dialógica e responsividade.

#### 4 A prova discursiva de Língua Portuguesa no PSV-2008 da UFRN

Desde 2001, com ênfase em produções textuais de natureza argumentativa, a comissão responsável pela elaboração e avaliação das provas do PSV da UFRN tem solicitado ora o artigo de opinião, ora a carta argumentativa.

Assim, o comando da prova tem por base a noção de gêneros do discurso<sup>1</sup>, orientando o que, como e a quem será destinada a produção verbal. O principal objetivo, nesse caso, é avaliar a competência discursiva do vestibulando e o seu conhecimento sobre o funcionamento da linguagem em uma situação específica. Por isso, no enunciado da questão, propõe-se uma cena enunciativa<sup>2</sup> a partir da qual o candidato terá de escrever sua carta.

Todavia, por se tratar apenas de uma encenação e devido ao conhecimento que o vestibulando tem a respeito dessa carta argumentativa, ou melhor, de que essa carta não passa de uma das etapas do processo de seleção, fica difícil argumentar: “sem o locutor conhecer as necessidades, as vontades, as limitações do interlocutor, difícil se tornar esse processo” (BRANDÃO, 2001, p. 20). Somente o enunciado da prova é insuficiente. Trata-se de uma encenação compartilhada por todos envolvidos no processo de seleção, seja na condição de candidato à vaga na universidade, seja na condição de avaliador que compõe a banca examinadora.

Precisamos admitir, contudo, que os recursos linguístico-discursivos mobilizados pelo enunciador, em uma situação avaliativa, podem ser reflexos de uma imprecisão da imagem do outro. O vestibulando mantém-se em uma tênue fronteira do simulado e da prática discursiva efetiva. Na verdade, “defender um ponto de vista não é difícil quando se conhece a posição e as razões apresentadas por quem discorda do nosso. Conhecer um interlocutor facilita a escolha do nível de linguagem e a forma de tratamento” (THEREZO, 2008, p. 130), mas, no caso contrário, esse movimento ao já-dito torna-se mais intrincado.

Vejamos, agora, a prova de redação do PSV-2008 da UFRN:

---

<sup>1</sup> Mesmo sendo um conceito assaz difundido, principalmente depois da ampla divulgação dos pressupostos bakhtinianos – por volta da década de 80 –, os gêneros discursivos ainda não são tomados como *artefatos culturais* orientadores em propostas de redação de muitas comissões de vestibular. Ou seja, as produções textuais, em tais provas, ainda são regidas por tipologias.

<sup>2</sup> A proposta de redação da UFRN busca uma aproximação com as práticas reais de interação, embora tenhamos que fazer a ressalva de que não dá para construir uma cena enunciativa que, de fato, recubra todos os elementos constitutivos das relações de uma produção verbal situada. Julgamos, todavia, uma proposta válida, uma vez que somente o comando “produza um texto”/“faça uma redação” não aponta caminhos para o avaliado, pois na vida esses sujeitos interagem sempre por um gênero específico.

**Prova de Redação**

Nos últimos tempos, a imprensa tem divulgado sucessivos casos de corrupção, o que vem deixando a sociedade brasileira cada vez mais indignada e preocupada. Os fragmentos textuais reproduzidos abaixo expressam duas opiniões diferentes sobre **a corrupção no Brasil**. O primeiro, escrito por Gabriel O Pensador, foi extraído da canção “Pega ladrão” (CD “Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo”, lançado pela Sony Music em 2001). O segundo, escrito por Walmor Erwin Belz, foi extraído da seção “Cartas” da revista *Veja* publicada em 22/8/2007.

## Fragmento 1

Você acha que o país não tem jeito?  
Aqui não tem terremoto, aqui não tem vulcão.  
Aqui tem tempo bom, aqui tem muito chão.  
Aqui tem gente boa, aqui tem gente honesta,  
mas no poder é que tem gente que não presta.  
"Eu fui eleito e represento o povo brasileiro.  
Confie em mim que eu tomo conta do dinheiro".

*Gabriel O Pensador*

## Fragmento 2

Ao ler a reportagem “Fragil como papel” [sobre a impunidade no Brasil, publicada na revista *Veja* de 15/8/2007], cheguei à conclusão de que a sociedade brasileira em seu todo não tem mais solução. É intrinsecamente corrupta e amoral.

*Walmor Erwin Belz*

E você, o que pensa sobre essa questão?

Escreva uma **carta** ao autor de cuja opinião você discorda (Gabriel O Pensador ou Walmor Erwin Belz).

Observações:

A carta deverá ser escrita em prosa e em registro culto da língua portuguesa.

Em sua carta,

1. tente convencer o autor de que ele está, parcial ou totalmente, equivocado;
2. defenda a posição que você assumir, justificando-a com argumentos.

**Não** assine a carta com seu próprio nome. Assine-a, **obrigatoriamente**, com o pseudônimo JURACI POTI.

À carta com **menos de 8 (oito) linhas** será atribuído **zero**.

Você **não** está obrigado a utilizar todas as 55 linhas disponíveis.

A proposta de redação, como podemos observar, recupera opiniões públicas acerca da corrupção no país; destaca o gênero em que seria escrito o texto a ser “destinado” a um dos dois autores expressos na questão; e determina o objetivo da possível carta – apresentar argumentos contrários aos expostos.

Destacamos, ainda, que no enunciado da prova em questão, devido à opacidade da linguagem, entrevemos uma orientação argumentativa<sup>1</sup> pelo uso das palavras

<sup>1</sup> Uma tentativa de evitar essa orientação seria, por exemplo, simplesmente falar sobre os constantes casos midiáticos.

“indignada” e “preocupada” em referência à sociedade brasileira, mesmo que admitamos serem esses os adjetivos mais apropriados, atualmente, à população.

## 5 Dois casos concretos e um questionamento

### 5.1 Procedimentos metodológicos

Tendo em vista que o “objeto” das Ciências Humanas é um *ser falante e expressivo* (BAKHTIN, 2003), um ser de linguagem e constitutivamente dialógico, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de base interpretativista e de perspectiva sócio-histórica (FREITAS, 2002, 2007; ROJO, 2006). Assim, para a análise das redações<sup>1</sup> (concedidas pela COMPERVE/UFRN), adotamos a seguinte ordem metodológica proposta por Bakhtin/Volochinov (2006, p. 129), observando:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

### 5.2 Analisando a dimensão interlocutiva

Bakhtin (2003) discorre sobre os gêneros discursivos mais propícios ao estilo individual e comenta os gêneros que mantêm mais um estilo funcional. Seguindo essa perspectiva, poderíamos dizer que a carta argumentativa, por ser constitutivamente persuasiva e direcionada, está mais “aberta” ao estilo individual, embora o “individual”, com base nos aportes teóricos mencionados, não seja resultado da expressão livre do falante.

Estilo seria, em nosso entendimento, a apropriação de elementos estilísticos decorrente de um primeiro movimento dialógico, ou seja, eles já vêm com entonações, com valores tecidos por outros sujeitos, visto que

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de que são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras,

<sup>1</sup> As provas foram transcritas sem correções.

aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras de nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, 2008, p. 223).

Trata-se, pelo exposto, de um movimento de apropriação de palavras “alheias”, tornando-as “minhas-palavras-alheias” para, enfim, com os acentos valorativos específicos, passarem a serem palavras “minhas”. De acordo com Bakhtin (1990, p. 92), “O estilo compreende organicamente em si as indicações externas, a correlação de seus elementos próprios com aqueles do contexto de outrem”.

Estilo também deriva de um segundo movimento dialógico, isto é, de uma seleção e uma combinação de recursos expressivos da língua, tendo em vista a quem é orientado o enunciado, tendo, portanto, como referência a instância interlocutiva que define, fundamentalmente, os recursos estilísticos, visto que é para o outro que se orienta o discurso e esse outro se insere, inevitavelmente, no momento de produção (GERALDI, 1997). Em outras palavras, parece não ser muito pertinente a característica de uma “linguagem impessoal, clara e objetiva” para a carta argumentativa como indicado em alguns manuais didáticos.

Observemos como o processo de interlocução se constrói nos textos 1 e 2, levando em consideração o PSV-2008:

### TEXTO 1

26-11-2007

Olá caro amigo!

É através desta, que irei comentar e explicar questões a respeito da política existente no Brasil. Sei o que você pensa a respeito do país, quando você diz que ele não tem mais solução e que é um país corrupto. Bem caro amigo, não vou negar que ele realmente tem mostrado alguns aspectos horríveis como por exemplo: A prostituição nas ruas. Nós muitas vezes reclamamos e dizemos que o líder seja presidente, governadora poderiam fazer algo para acabar com essa vergonha. Mais ao mesmo tempo, não lembramos que não só depende deles e sim de quem está praticando tal imoralidade também Podemos falar a respeito dos Projetos que a governadoria realiza muitas vezes não sai bem como pensamos que poderia sair ou seja realizado e então reclamamos e dizemos que eles só querem ficar com nosso dinheiro mais nem sempre é assim Pois eles tem pleno conhecimento no que fazem e na maneira que pode ser realizada tal coisa, tal projeto, eles sabem onde podem ir, a maneira de se construir tal coisa. Então caro amigo. O que poderia ser feito na questão da prostituição nas ruas era primeiramente as pessoas que contem tais atos pararem e refletirem no que fazem e ver que isto não é a melhor maneira de se viver e na questão de trabalhos realizados pelos líderes era que nós refletíssemos antes de reclamarmos e entendermos o Projeto e a maneira de trabalho.

Juraci Poti.

## TEXTO 2

Natal, 26 de novembro, 2009

Ao Poder legislativo.

Sobre a corrupção, temos que dormir e acordar com o mesmo tipo de reportagem na televisão brasileira.

Deveríamos pensar bem na hora de votar. Pois quando nós votamos entregamos o nosso país nas mãos de político, que casualmente não estão fazendo o seu papel.

Temos que viver no mundo de corrupção e tantas outras coisas, como por exemplo: a crise econômica, exploração de menores.

Mesmo assim todas as vezes que tem eleição estamos lá para dar nosso voto, não sabemos se estão fazendo certo ou errado.

Apesar de tanto roubo não concordo com o que fragmento “um” descreve. É nos políticos que botamos um pouco de esperança.

Sobre a lavagem do dinheiro não é de hoje que existe já vem de muito tempo, infelizmente não sabíamos, é nessas horas é que deveríamos pensar muito antes de botar uma pessoa no poder legislativo.

Precisamos de um país sem corrupção, para que possamos deixar pra os nossos filhos.

Assinado: Juraci Poti.

Os dois textos parecem seguir o modelo estrutural sugerido por alguns manuais didáticos, apresentando o formato: localização (temporal e espacial – neste caso, somente a segunda carta faz a referência), vocativo inicial, corpo do texto e assinatura. Também observamos a similaridade de pontos de vista no que concerne ao tópico de interesse, a “corrupção”.

No entanto, o modo como as relações autor-leitor foram construídas são diferentes porque o olhar que o enunciador tem sobre o objeto de dizer é refratado pela constituição do sujeito. Conforme a observação bakhtiniana, respondemos sempre axiologicamente, sempre de uma posição exotópica. Isso explicaria a não-coincidência dos focos dados pelos vestibulandos. Afinal, enunciamos de um lugar único<sup>1</sup> no mundo (o fato do não-álibi no Ser<sup>2</sup>); nossos processos de construção de identidades e nossos

<sup>1</sup> Porque o “que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim, mas que, internalizado por mim, constitui heterogeneamente uma unidade, única e irrepetível” (GERALDI, 2005, p. 81).

<sup>2</sup> Em **Para uma filosofia do ato**, considerado o primeiro texto de Bakhtin.

percursos de leituras são diferentes; e a forma e o conteúdo são preenchidos de valor ideológico, de *tom* devido à ação de sujeitos historicamente situados.

Na primeira carta, a relação estabelecida entre o enunciador e o seu destinatário parece ser bastante amistosa dado o uso da expressão “caro amigo” e pela escolha do pronome “você” – recursos lexicais mobilizados, em geral, para diminuir o distanciamento entre os sujeitos. Por outro lado, esses mesmos recursos linguístico-discursivos parecem apontar para a imprecisão sobre a qual anunciamos, a da imagem desse outro. Essas formas de tratamento são muito genéricas e, por isso, podem ser direcionadas a qualquer interlocutor.

Interfere, ainda, na produção desses textos, a situação avaliativa cujas tensões e ideologias não podem ser anuladas. Os candidatos sabem, portanto, que é necessário preencher “aquele espaço” destinado, apesar de essa escrita não decorrer de uma necessidade de comunicação.

Após a colocação do vocativo, esse enunciador iniciou o corpo da carta com a expressão cristalizada – “É através desta” – que tanto pode ser um *eco* da constituição do gênero discursivo, quanto resultado do ensino do gênero. Acreditamos, porém, mais na possibilidade de ser a segunda razão preponderante para a reprodução das formas de dizer. Concordamos, dessa forma, com a explicação de Schneuwly e Dolz (2004) sobre a produção de textos em contexto escolar ou, de maneira geral, em contextos avaliativos. Eles lembram que os gêneros, quando inseridos na escola, sofrem desdobramentos porque são vistos somente como objetos de ensino e não como modos – elaborados culturalmente – por meio dos quais falamos, reclamamos, agimos, sentimos, expressamos nossos posicionamentos.

Ainda no texto 1, constatamos uma imprecisão no que concerne ao foco. Primeiro discorre sobre a prostituição, depois sobre os atos de corrupção; mas, retorna ao primeiro ponto e conclui a partir dos atos de corrupção novamente. Até mesmo a escolha dos verbos introdutórios “irei comentar e explicar questões a respeito da política existente no Brasil” parece ser uma maneira de neutralizar o próprio ponto de vista, quando, na verdade, o posicionamento explicitado na resposta seria fundamental para a avaliação.

Com base nessas prévias considerações acerca do texto 1, retomamos nossa questão de pesquisa: será que o candidato (enunciador, produtor da carta argumentativa) considera, no processo de escrita, a existência do interlocutor sugerido pelo enunciado da prova, ou será que o candidato se distancia do comando?

Conjecturamos, por ora, que o enunciador dessa carta se distancia do comando ao mesmo tempo em que tenta se inserir na cena enunciativa postulada, recuperando em parte o fragmento 2, ou estabelecendo relações dialógicas com o enunciado do outro – “Sei o que você pensa a respeito do país, quando você diz que ele não tem mais solução e que é um país corrupto”.

Essas tonalidades dialógicas comprovam que não existe uma “escrita para ninguém”, embora o outro, para o vestibulando, seja o avaliador. Ademais a escrita é sempre orientada, mesmo quando o outro é apenas uma virtualidade, em outras palavras, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo seu representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 112).

Na segunda carta argumentativa, vemos que enunciador se distancia do solicitado na prova talvez por não ter compreendido que os destinatários possíveis seriam somente ou *Gabriel O Pensador* ou *Walmor Erwin Belz*. Entretanto, também podemos deduzir que ele projeta um interlocutor bastante representativo e capaz de resolver o problema discutido, embora esse co-enunciador seja, na verdade, personificado na imagem de uma instituição – “o Poder Legislativo”. Ou ainda: o direcionamento aos políticos pode ser resultante do fato de atos de corrupção em que alguns deles estão envolvidos ganharem mais visibilidade que os casos protagonizados por pessoas desconhecidas pela sociedade em geral.

Para desenvolver seu ponto de vista, o autor 2 apresenta um breve panorama do país através do destaque: “Sobre a corrupção, temos que dormir e acordar com o mesmo tipo de reportagem na televisão brasileira”. Por essa consideração inicial, esse enunciador parece incorporar o *tom* de “preocupado” que, de acordo com a questão da prova, a sociedade tem demonstrado. E, por isso, faz a advertência, marcada por um intensificador: “Deveríamos pensar bem na hora de votar”.

Diferentemente do 1, evidenciamos o posicionamento axiológico do segundo escritor da carta. Porém, este revela o quanto está ancorado na situação imediata por meio da escolha do signo verbal “fragmento” (sic), apontando para, provavelmente, a impossibilidade de se desconsiderar totalmente o cronotopo do PSV-2008, ou o contexto avaliativo em que estes enunciadores estão inseridos. Logo, seu destinatário não pode ser o “Poder Legislativo” como fora anunciado. Verificamos, neste caso, a hibridez da cena enunciativa – ora os vestibulandos se orientam pela proposta de

redação, ora pela real finalidade de se produzir tal carta. Para o autor 2, especificamente, não se trata de duas opiniões ou a expressão de pontos de vista de dois sujeitos, conforme a questão da prova, mas de fragmentos despersonalizados e desbastados de vida que não provocam resposta.

Nos dois casos, há uma hibridez que constitui os textos dos vestibulandos. Uma imprecisão decorrente do espaço-tempo que compõe, fundamentalmente, o dizer dos candidatos. Reconhecemos, portanto, que, como a realização de qualquer acontecimento verbal é situada, a composição dos gêneros não ocorrem em um vácuo social, tampouco são destituídos de valores, porque os fios que os tecem estão entrelaçados ao mundo ético, ao mundo da ação, dos sujeitos. Essa ressalva se aplica, como vimos, à produção da carta argumentativa no PSV-2008.

Todavia, para a avaliação da COMPERVE, os candidatos devem inserir-se na cena enunciativa e retomar linguisticamente a tese contrária. Assim mesmo, nas provas analisadas, percebemos graus de responsividade. O autor 1 assinala o seguinte ponto de vista: “não vou negar que ele [o Brasil] realmente tem mostrado alguns aspectos orríveis”. E o produtor da carta argumentativa 2 assim se expressa: “não concordo com o que fragmento ‘um’ descreve”.

## **6 Gênero para comunicar, gênero para aprender: considerações finais**

Os textos analisados trazem indícios de uma possível reificação dos gêneros discursivos, afinal, enquanto objetos de ensino, são avaliados apenas no plano da estrutura. E, em razão disso, a dimensão interlocutiva tem sido secundarizada, visto que, normalmente, os recursos expressivo-estilísticos não são compreendidos como constituintes do gênero. A consequência imediata, no entanto, é a consolidação da imagem de um leitor universal, como se não houvesse a necessidade de se fazer adequações linguístico-valorativas conforme o interlocutor imediato.

Podemos visualizar, dessa maneira, dois pólos de entendimento sobre os gêneros. De um lado, situado no plano discursivo, compreendemos o gênero associado às suas raízes (SIGNORINI, 1998), em outras palavras, o percebemos como evento ou como *forma de enunciado*, que está necessariamente vinculado às circunstâncias de produção, circulação e recepção e, por isso mesmo, é instável – porque dependente da interação, o que exige interlocutores definidos –, inacabado, plástico, e, obviamente, decorrente de uma necessidade específica da interação.

Do outro, com vistas à aprendizagem, consideramos apenas a estabilidade – o que é recorrente nos acontecimentos verbais –, somente o produto, o que já recebeu acabamento estético em dada situação, e, a partir disso, estendido a qualquer contexto como se os interlocutores fossem sempre idênticos, uma espécie de universalização do destinatário; e, assim concebido, o gênero não surge de uma necessidade comunicativa, isto é, apresenta-se como uma *forma* pré-discursiva, como *objeto esteticamente acabado*, anterior à interação, à ação dos sujeitos.

A partir dessas duas visões e seguindo as idéias de Schneuwly e Dolz (2004), construímos o seguinte quadro comparativo com base nos propósitos “comunicar” e “aprender”:

| <b>GÊNERO PARA COMUNICAR</b>            | <b>GÊNERO PARA APRENDER</b>                              |
|---|--|
| • Instável                              | • Estável  |
| • Processa-se na interação verbal       | • Produto de uma interação                               |
| • Inacabado                             | • Acabado  |
| • Interlocutor definido                 | • Interlocutor indefinido                                |
| • Surge de uma necessidade comunicativa | • Não surge de uma necessidade específica de comunicação |

Sob a ótica do “aprender”, o gênero resume-se a uma configuração/formatação, motivo pelo qual, especialmente em contexto escolar, os enunciadores se esquecem de projetar seus possíveis interlocutores<sup>1</sup> (GERALDI, 2006; BRITTO, 2006) para que, de tal forma, possam adequar – na medida do possível – a linguagem, o estilo.

Acreditamos que as práticas de escrita com finalidade explícita, com clareza de quem seja o interlocutor do texto produzido e das condições de produção, apesar da interferência do contexto de ensino-aprendizagem, têm tornado o trabalho em sala de aula muito mais significativo, porque propicia ao educando a construção do próprio conhecimento, ele reconhece a singularidade de um evento interacional. Mas isso somente é viável quando os alunos são inseridos nas mais variadas práticas de letramento.

## **Referências**

<sup>1</sup> Isso também se deve ao modo como a prática de produção textual é conduzida na escola. Muitas vezes, nesse contexto, o (único) interlocutor do texto do aluno é o professor que está, na verdade, assumindo uma posição de avaliador (BRITTO, 2006).

ABAURRE, Bernadete. Entrevista. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

ANDRADE, Benedita Vieira de. **A modalização como estratégia argumentativa em textos de vestibulandos**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2008.

ARAÚJO, D. de O. **Tipos de eventos e papéis semânticos na prova discursiva de História do vestibular da UFRN**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2006.

ARCHANJO, R. **Vozes sociais e dimensão ética da Linguística Aplicada: a construção discursiva da área nos CBLAs**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal)

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, (s/d).

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, Teresinha. **Texto argumentativo: escrita e cidadania**. Pelotas: L. M. P. Rodrigues, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. Em terras de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRAIT, B; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

COPERVE. <<http://www.coperve.ufpb.br/>> Acesso: 30 Out 08.

**COMPERVE.** <<http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/provas/provas2008.php>>  
Acesso: 30 Out 08.

**COMVEST.** <[http://www.comvest.unicamp.br/vest\\_anteriores/2008/provas2008.html](http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2008/provas2008.html)>  
Acesso: 30 Out 08.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Texto e linguagem).

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. Memórias do subterrâneo. In: \_\_\_\_\_. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1995.

FARACO, C. A. Entrevista. In: In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. **Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística.** Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A. FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREITAS, M. T. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. In: **Cadernos de Pesquisa.** n. 116, p. 21-39, julho/2002.

\_\_\_\_\_. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (Orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem)

\_\_\_\_\_. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. **Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística.** Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

LUNA, M. J. de M. **A redação no vestibular: a elipse e a textualidade.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004.

MOITA LOPES, L. P. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009.

MOYSÉS, M. A. A.; GERALDI, J. W.; COLLARES, C. A. L. As aventuras do conhecer: da transmissão à interlocução. **Educação e sociedade,** ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

NÓBREGA, Karliane Fernandes. **A interpretação semântica dos auxiliares modais poder, precisar e dever:** uma abordagem da semântica cognitiva. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2007.

OLIVEIRA, M. S. **Texto-fonte e produção textual de vestibulandos.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2004.

**PS/UFPR.** <[http://www.nc.ufpr.br/concursos\\_institucionais/ufpr/ps2007/provas\\_2fase/Compreensao\\_Producao.pdf](http://www.nc.ufpr.br/concursos_institucionais/ufpr/ps2007/provas_2fase/Compreensao_Producao.pdf)> Acesso: 30 Out 08.

RAMOS, M. **Linguagem e argumentação na produção escrita de vestibulandos.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2006.

ROJO, R. H. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros:** teoria, métodos, debates. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade:** questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

THEREZO, Graciema P. **Como corrigir redação.** Campinas: Editora Alínea, 2008.